PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE AIDS NO BRASIL ENTRE 2015 E 2025: SEXO, IDADE E CATEGORIAS DE EXPOSIÇÃO

Clara Mavi Sampaio Palmeira[1], Aurelio dos Santos Couto[2], Suzanny Oliveira Mendes[2].

[1] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Av. Min. Salgado Filho, 1000 - Soteco, Vila Velha - ES, 29106-010 - cmavisp@gmail.com

[2] Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Direção do CCS - Prédio do Centro de Ciências da Saúde, Av. Mal. Campos, 1468 - Maruípe, Vitória - ES, 29047-105 - aurelio047@gmail.com, suzannymendes@gmail.com.

Resumo

O conhecimento do perfil epidemiológico da AIDS é fundamental para o planejamento de ações de vigilância, prevenção e assistência em saúde. O presente estudo teve como objetivo caracterizar o perfil epidemiológico dos casos de AIDS no Brasil entre 2015 e 2025, segundo sexo, faixa etária e categorias hierarquizadas de exposição. Trata-se de um estudo epidemiológico, observacional, de abordagem quantitativa, realizado com dados secundários obtidos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), por meio da plataforma TABNET. Foram identificados 11.867 casos, com predominância do sexo masculino e maior concentração entre indivíduos de 30 a 39 anos. Entre as categorias de exposição analisadas, o uso de drogas injetáveis apresentou a maior frequência de registros, enquanto a transmissão vertical predominou entre menores de 15 anos. Conclui-se que os casos apresentaram distribuição distinta conforme sexo, idade e categoria de exposição, evidenciando a importância do monitoramento contínuo dessas características para subsidiar políticas públicas e fortalecer as estratégias de prevenção e controle da AIDS no Brasil.

Palavras-chave: Vigilância em Saúde. HIV. Saúde Pública.

Área do Conhecimento: Saúde Coletiva.

Introdução

A síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), decorrente da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), permanece como um importante problema de saúde pública no Brasil. Desde o início da epidemia, o país acumulou mais de 1,1 milhão de casos de AIDS, demonstrando a magnitude e a persistência da doença no cenário nacional (Brasil, 2025). Ao longo das últimas décadas, entretanto, importantes avanços foram alcançados no diagnóstico, na prevenção e no tratamento da infecção pelo HIV. A ampliação do acesso à terapia antirretroviral pelo Sistema Único de Saúde (SUS), associada ao fortalecimento das estratégias de prevenção e acompanhamento das pessoas vivendo com HIV, modificou significativamente o curso clínico da infecção e contribui para a redução da morbimortalidade. Apesar desses avanços, a ocorrência contínua de casos evidencia que a AIDS ainda demanda acompanhamento epidemiológico sistemático e ações de saúde direcionadas às diferentes características da população afetada (Brasil, 2025).

O perfil epidemiológico da AIDS no Brasil sofreu modificações ao longo do anos, apresentando diferenças na distribuição dos casos segundo características demográficas e categorias de exposição. Estudos nacionais demonstram que variaveis como sexo, faixa etaria e distribuicao territorial apresentam padroes distintos e podem sofrer alteracoes ao longo do tempo, refletindo as transdormacoes na dinamica da epidemia e nas condicoes de prevencao. diagnostico e assistencia (Leite, 2020). A análise dessas características são relevantes porque os números gerais de casos não permitem compreender isoladamente, como a doença se distribui entre diferentes grupos populacionais. Da mesma forma, a identificação das categorias de exposição associadas aos registros de AIDS pode contribuir para reconhecer grupos e contextos que demandam maior atenção das ações de vigilância epidemiológica.

Embora os sistemas nacionais de informação possibilitem o acompanhamento contínuo da AIDS, ainda é necessário analisar de forma integrada as características dos casos registrados em períodos

mais recentes, especialmente considerando as diferenças observadas entre grupos etários, sexos e categorias de exposição. A caracterização desses padrões permite não apenas descrever a magnitude dos registros, mas também identificar concentrações de casos e particularidades que podem orientar a elaboração e o direcionamento de estratégias de prevenção, diagnóstico precoce, acompanhamento e assistência. Nesse contexto, a utilização de dados provenientes dos sistemas oficiais de vigilância epidemiológica constitui uma importante ferramenta para a compreensão da distribuição da doença em âmbito nacional e para o planejamento de ações de saúde baseadas em evidência.

Apesar da disponibilidade de informações epidemiológicas em sistemas nacionais de vigilância, a caracterização dos casos de AIDS segundo diferentes características demográficas e categorias de exposição permanece relevante para compreender como a doença se disseminou na população brasileira em períodos específicos. A análise conjunta dessas variáveis tem como objetivo evidenciar concentrações de casos que não são identificados quando os dados são observados apenas de forma geral, além de permitir a comparação do perfil encontrado com resultados descritos em diferentes períodos e populações. Nesse sentido, a escolha do período de 2015 a 2025 foi motivada pela necessidade de caracterizar o cenario epidemiologico mais recente disponivel e verificar como sexo, faixa etária e categorias de exposição se distribuem.

Metodologia

Trata-se de um estudo epidemiológico, observacional, descritivo, de abordagem quantitativa, desenvolvido a partir de dados secundários de domínio público referentes aos casos de AIDS identificados no Brasil entre os anos de 2015 e 2025. Os dados foram obtidos por meio do sistema TABNET, disponibilizado pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), a partir do banco de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Foram selecionadas as variáveis sexo, faixa etária e categoria hierarquizada de exposição, considerando as categorias de uso de drogas injetáveis (UDI), hemofilia, transfusão sanguínea, acidente com material biológico eransmissão vertical.

Após a extração, os dados foram exportados para planilhas do Microsoft Excel, onde foram organizados para análise. Os resultados foram apresentados em dados absolutos e relativos, possibilitando a caracterização do perfil epidemiológico dos casos de AIDS segundo as variáveis selecionadas.

Resultados

No período de 2015 a 2025, foram identificados 11.867 casos de Aids no Brasil pertencentes às categorias hierarquizadas de exposição analisadas. Observou-se predominância dos casos relacionados ao uso de drogas injetáveis (UDI), que corresponderam a 6.248 registros (52,7%), seguidos pela transmissão vertical, com 5.489 casos (46,3%). As categorias hemofilia, transfusão sanguínea e acidente com material biológico apresentaram ocorrência pouco expressiva, representando, em conjuntos, menos de 1% dos casos avaliados.

Tabela 1: Distribuição dos casos de AIDS no Brasil segundo faixa etária e categoria hierarquizada de exposição

Faixa Etária	UDI	Hemofílico	Transfusão	Acidente com Material Biológico	Transmissão Vertical	TOTAL
< 1 ano	6	0	0	0	571	577
1 - 4	0	0	1	0	977	978
5 - 9	0	0	0	0	409	409
10 - 14	4	0	0	0	230	234
15 - 19	97	0	1	0	194	292
20 - 29	1.398	14	5	7	1.036	2.460

30 - 39	2.180	19	9	5	1.026	3.239
40 – 49	1.711	12	12	6	588	2.329
50 - 59	682	15	8	3	307	1.015
60 – 69	154	2	9	0	120	285
70 - 79	15	1	1	0	26	43
> 80 anos	1	0	0	0	5	6
TOTAL	6.248	63	46	21	5.489	11.867

Fonte: DATASUS/SINAN; Adaptado pelos autores

A distribuição dos casos segundo faixa etária evidenciou diferenças importantes entre as categorias de exposição. Nas faixas etárias inferiores a 15 anos, observou-se maior frequência da transmissão vertical, responsável pela maior parte dos registros entre menores de um ano, crianças de 1 a 4 anos e de 5 a 9 anos. A partir da faixa etária de 15 a 19 anos, verificou-se aumento da frequência de casos relacionados ao uso de drogas injetáveis, que passou a representar a principal categoria de exposição entre jovens, adultos e indivíduos de meia-idade. A maior concentração de casos foi observada entre 30 e 39 anos (3.239 casos), seguidas pelas faixas de 20 a 29 anos (2.460 casos) e 40 a 49 anos (2.329 casos), enquanto as categorias hemofilia, transfusão sanguínea e acidente com material biológico permaneceram pouco frequentes em todas as idades.

A distribuição dos casos segundo sexo demonstrou predominância do sexo masculino, com 8.370 registros (70,5%), enquanto o sexo feminino concentrou 3.497 casos (29,5%).

Tabela 2: Distribuição dos casos de AIDS no Brasil segundo sexo e faixa etária entre os anos de 2015 a 2025.

Faixa etária	Masculino	Feminino	TOTAL
< 1 ano	263	314	577
1 - 4	467	511	978
5 - 9	197	212	409
10 - 14	99	135	234
15 - 19	177	115	292
20 - 29	1.938	522	2.460
30 - 39	2.478	761	3.239
40 - 49	1.768	561	2.329
50 - 59	745	270	1.015
60 - 69	206	79	285
70 - 79	27	16	43
> 80 anos	5	1	6
TOTAL	8.370	3.497	11.867

Fonte: DATASUS/SINAN; Adaptado pelos autores

Em ambos os sexos, a maior concentração de casos ocorreu entre adultos de 30 a 39 anos, seguida pelas faixas de 20 a 29 anos e 40 a 49 anos. Entre os homens, essas três faixas etárias concentraram a maior parte das notificações, com destaque para o grupo de 30 a 39 anos (2.478 casos). Entre as mulheres, observou-se comportamento semelhante, embora com menor número absoluto de registro, sendo a faixa de 30 a 39 anos a mais frequente (761 casos). Nas faixas etárias inferiores a 15 anos, a distribuição entre os sexos mostrou-se mais equilibradas, enquanto, a partir da idade adulta, verificou-se maior concentração de casos no sexo masculino

Tabela 3: Distribuição dos casos de AIDS no Brasil segundo sexo e categoria hierarquizada de exposiçãoentre os anos de 2015 a 2025.

Sexo	UDI	Transfusão	Hemofílico	Acidente com material biológico	Transmissão Vertical	TOTAL
Masculino	4.938	63	26	14	3.329	8.370
Feminino	1.310	0	20	7	2.160	3.497
TOTAL	6.248	63	46	21	5.489	11.867

Fonte: DATASUS/SINAN; Adaptado pelos autores

Na análise da categoria hierarquizada de exposição segundo o sexo, observou-se que o uso de drogas injetáveis foi a principal categoria entre os homens, totalizando 4.938 casos, seguindo pela transmissão vertical, com 3.329 registros. Entre as mulheres, a transmissão vertical apresentou maior frequência, com 2.160 casos, em relação ao uso de drogas injetáveis, 1.310 casos. As categorias hemofilia, transfusão sanguínea e acidente com material biológico apresentaram baixa ocorrência em ambos os sexos durante todo o período analisado.

Discussão

Os resultados evidenciaram maior frequencia de casos de AIDS no sexo masculino e concentração dos registros entre jovens e adultos, especialmente na faixa etária de 30 a 39 anos. Esse perfil é compatível com cenário epidemiológico brasileiros descrito pelo Ministério da Saúde, que demonstra uma concentração crescente da epidemia entre homens e destaca a ocorrência expressiva de novas infecções entre adolescentes e adultos jovens. Entre 1991 e dezembro de 2025, os homens corresponderam a 65,9% dos casos de infeccao pelo HIV registrados no país, enquanto, entre jovens de 15 a 24 anos, 66% das infecções ocorreraram no sexo masculino (Brasil,2025). Esse padrão deve ser analisado para além de características individuais, considerando fatores sociais e relacionados ao acesso aos serviços de saúde. No Brasil, a prevenção do HIV é estruturada pela estratégia de prevenção combinada, que integra ações biomédicas, comportamentais e estruturais, incluindo testagem, profilaxias, tratamento e enfrentamento de barreiras como estigma e discriminação (Brasil, 2025).

A concentração dos registros na faixa de 30 a 39 anos também deve ser interpretada considerando a diferença entre o momento da infecção pelo HIV e o desenvolvimento da AIDS. A progressão da infecção pode ocorrer ao longo de anos, de modo que a idade registrada no diagnóstico da síndrome não necessariamente corresponde à idade em que ocorreu a aquisição do vírus. Nesse sentido, a maior frequência de casos entre adultos pode refletir a exposição acumulada ao longo da vida, associada a diferenças no acesso à testagem e ao diagnóstico oportuno. Souza *et al.*, (2023), ao analisarem dados brasileiros entre 2000 e 2019, identificaram importante concentração dos registros na faixa de 30 a 39 anos, enquanto Batista *et al.* (2023) demonstraram que há uma heterogeneidade entre grupos e territórios indicando que essa tendência pode aumentar ou diminuir de acordo com a região do Brasil.

Essa característica reforça a importância de políticas de saúde que combinem estratégias nacionais com ações adaptadas às necessidade específicas das populações e dos diferentes contextos sociais.

Outro achado de destaque foi a predominância da transmissão vertical entre os indivíduos das faixas etárias mais baixas. Nas crianças menores de 5 anos, essa categoria representou praticamente a totalidade dos registros inseridos no recorte de exposição analisado, demonstrando a forte associação entre idade infantil e esta categoria de exposição. Esse resultado possui importante significado para a saúde pública brasileira, uma vez que a transmissão vertical é diretamente influenciada pela qualidade e continuidade da assistência durante o pré natal, parto e acompanhamento da criança exposta. Uma revisão recente de Moura *et al*. sobre as políticas brasileiras entre 1985 e 2025 identificou avanços importantes na oferta de insumos e na organização das ações de prevenção, incluindo iniciativas como a Rede Cegonha, projetos voltados às maternidades e processos de certificação para a eliminação da transmissão vertical. Entretanto, o mesmo estudo aponta que desigualdades sociais, diferenças regionais na assistência pré-natal, barreiras de acesso e fragilidades na vigilância ainda constituem desafios para uma eliminação equitativa da transmissão vertical. Assim, a ocorrência de registros de AIDS associados à transmissão vertical entre crianças deve ser compreendida não apenas como um evento clínico, mas também como um indicador relacionado à capacidade de prevenção, diagnóstico e continuidade do cuidado na rede de saúde.

A concentração dos registros de UDI entre adultos também apresentou importante diferença em relação a transmissão vertical, que esteve concentrada nas faixas etárias infantis. Os casos associados ao uso de drogas injetáveis foram mais frequentes nas faixa de 20 a 29, 30 a 39 e 40 a 49 anos, enquanto a transmissão vertical apresentou forte concentração entre menores de 15 anos. Esse comportamento demonstra que diferentes categorias de exposição estão relacionadas a diferentes momentos do ciclo de vida e contextos de vulnerabilidade. No campo da saúde pública, essa diferenciação é relevante pois as as estratégias de prevenção precisam considerar as características da população a que se destinam. Para as pessoas que fazem uso de drogas, por exemplo, o Ministério da Saúde inclui a redução de danos, a testagem e o acesso às medidas de preventivas na estratégia chamada Prevenção Combinada. Essas ações procuram reduzir risco sem restringir a epidemia exclusivamente ao tratamento da infecção já estabelecida (Brasil, 2025).

A análise segundo sexo também demosntrou diferencas entre as categorias de exposicao. Entre os homens, o uso de drogas injetáveis apresentou maior frequência, enquanto entre as mulheres houve maior número de registros relacionados à transmissão vertical. A diferença observada para a transmissão vertical possui relação com a própria natureza da categoria, uma vez que ela envolve a possibilidade de transmissão de HIV da gestante à criança durante a gestação, parto ou amamentação (Brasil, 2025). Já a maior frequencia de UDI entre homens acompanha padres descritos em analises epidemiologicas nacionais nas quais essa categoria de exposicao apresentou maior proporcao entre individuos do sexo masculino (Souza, *et al.,* 2023). Esses resultados demonstram a importancia de nao interpretar sexo, idade e exposicao de maneira isolada, pois a combinacao dessas variaveis permite identificar padroes epidemiologicos distintos. No contexto brasileiro, a política de prevenção do HIV reconhece que as vulnerabilidades são influenciadas por fatores sociais e que a resposta deve envolver não apenas intervenções biomédicas, mas também ações voltadas à redução das barreiras de acesso aos serviços de saúde.

Conclusão

O presente estudo caracterizou o perfil epidemiológico dos casos de AIDS no Brasil na última décadas, evidenciando predominância de registros no sexo masculino, maior concentração de casos entre adultos de 20 a 49 anos e diferenças na distribuição das categorias hierarquizadas de exposição conforme a faixa etária. Entre as categorias analisadas, o uso de drogas injetáveis apresentou a maior frequência de registros, enquanto a transmissão vertical predominou entre crianças menores de 15 anos.

Os resultados reforçam a importância da vigilância epidemiológica na identificação de padrões de ocorrência da doença e no direcionamento de políticas públicas de prevenção, diagnóstico e assistência. Apesar das limitações inerentes ao uso de dados secundários, o estudo contribui para a atualização do conhecimento sobre o perfil epidemiológico da AIDS no Brasil e oferece subsídios para os planejamentos de estratégias voltadas ao enfrentamento da doença.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids: número especial – dezembro de 2025**. Brasília: Ministério da Saúde, 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

BATISTA, J. F. C.; OLIVEIRA, M. R.; PEREIRA, D. L. M.; MATOS, M. L. S. D. S.; SOUZA, I. T.; MENEZES, M. O. Spatial distribution and temporal trends of AIDS in Brazil and regions between 2005 and 2020. ***Revista Brasileira de Epidemiologia***, v. 26, e 230002, 2023.

LEITE, R. M. *et al.* A AIDS no Brasil: mudanças no perfil da epidemia e perspectivas. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, 2020.

MACCARTHY, Sarah; BRIGNOL, Sandra; REDDY, Manasa; NUNN, Amy; DOURADO, Inês. Late presentation to HIV/AIDS care in Brazil among men who self-identify as heterosexual. ***Revista de Saúde Pública*****,** São Paulo, v. 50, p. 54, 2016.

MOURA *et al*. Análise da evolução das políticas públicas e estratégias para eliminação da transmissão vertical do vírus da imunodeficiência humana: revisão narrativa, Brasil, 1985-2025. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 35, 2026.

SILVA, J. A. *et al*. Epidemiological profile of AIDS in Brazil between 2013 and 2022: an ecological study. ***Brazilian Journal of Infectious Diseases***, v. 28, 2024.

SOUZA, D. E.; CARMO, C. N. WELCH, J. R. Análise temporal e fatores contextuais associados ao HIV/AIDS no Brasil entre 2000 e 2019. ***Revista de Saúde Pública***, São Paulo, v. 57, art. 91, 2023.

UNAIDS. **Global AIDS Update 2024: The Urgency of Now – AIDS at a Crossroads**. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV/AIDS, 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **HIV**. Geneva: World Health Organization, 2025.